

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
9 de Setembro de 2024
RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte III)

RÉGIME SANS PAIN / 1984

Um filme de Raúl Ruiz

Argumento: Raúl Ruiz / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Acácio de Almeida / *Cenários:* Alain Hacquard / *Figurinos:* não especificado no genérico / *Música:* Angel/Maimone / *Montagem:* Martine Bouquin / *Som:* Antoine Bonfanti (gravação), Jean-Claude Brisson (misturas) / *Interpretação:* Olivier Angèle (*Jason*), Anne Alvaro (*Alouette*), Gérard Maimone (*Professor Pie*), Gilles Arbona, Marc Betton, Jean-Marie Boëgen, Philippe Mourier-Genoud (*o homem que fala de Proust*).

Produção: Maison de la Culture de Grenoble / *Cópia:* 35 mm, cor, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 74 minutos / *Estreia mundial:* Outubro de 1985, no Japão / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Março de 1987, no âmbito do ciclo "Cinema Francês dos Anos 80".

Régime Sans Pain não introduz na produção de Raúl Ruiz dos anos 80 alterações de vulto, mudanças de estilo ou outro tipo de interrogações diferentes dos que exhibe nos seus outros filmes do período. O mesmo insólito, os mesmos ângulos arresvados o mesmo tipo de agressão visual, que a cada novo filme faz aumentar o risco de cansaço. Seja dito desde já que a saturação consegue geralmente ser evitada por uma grande riqueza visual que tem tanto a ver com a pintura como com um profundo conhecimento do cinema, das suas técnicas e história, de televisão, fotografia e banda desenhada. Todo o cinema de Ruiz é, em resumo, uma manifestação do poder das diversas formas de expressão visual. Poderia ser o cineasta por excelência não fosse o exibicionismo, o narcisismo e a gratuidade, em resumo, o exercício de estilo e o efeito tantas vezes gratuito, que com frequência sufoca o que o seu cinema tem de original. **Régime Sans Pain** é mais uma confirmação desta faceta, embora os "ruizófilos" tenham nele matéria mais do que suficiente para esfregarem as mãos. Há de imediato a sobrecarga de informação cultural, quer objetivamente (Proust, Stanislawski) dominando o diálogo como um exercício de estilo, quer portadora de informações de interesses e paixões de Ruiz, literárias, cinematográficas, pictóricas, filosóficas, sociais, todo um *pot-pourri* que acumulou nas suas viagens e experiências. Mesmo que não se seja incondicional de Ruiz, há que reconhecer que ver um dos seus filmes é como que realizar uma viagem pela história do cinema quase sempre e, tantas outras vezes, pelas várias vertentes da cultura ocidental de hoje. **Régime Sans Pain** é também exemplar neste aspecto. Primeiro pelo seu próprio regime de produção, que resulta numa encomenda da Maison de Culture de Grenoble para que Ruiz fizesse uma série de vídeo-clips com o duo Angel-Maimone (um grupo rock de Grenoble) e faz parte numa trilogia para aquele organismo sobre várias das suas atividades: **Régime Sans Pain** está para a música como **Mammame** para as suas atividades coreográficas e **Richard III** para as teatrais. O que à primeira vista seduz na obra de Ruiz é a forma como ele supera esse tipo de cinema de encomenda, ou talvez seja melhor dizer a forma como ele o adapta (ou se adapta?) à encomenda. **Régime Sans Pain** e, obviamente os dois outros filmes, são obras tão pessoais como os restantes.

Sendo um filme sobre música rock, Ruiz adaptou de imediato uma forma de vídeo-clip, o que para ele não representa qualquer dificuldade porque se se pode falar uma "estética do clip" ela está inteiramente contida no cinema de Ruiz, ao contrário o de um Coppola, um Steve Barron ou um Walter Hill que reinvestem no seu cinema experiências

levadas a cabo naquele campo. Por outras palavras, Ruiz leva a experiência integral para o próprio cinema e propõe-nos um "filme-clip" não abastardado como o **Metrópolis** de Moroder, mas inteiramente original. A relação de Ruiz com o vídeo-clip não é, como nos outros casos, um fenómeno de vampirismo ou parasitismo, mas sim de autofagia.

Seja, pois, o vídeo-clip. Quem acompanhou a evolução deste "género" verificou o refinamento cada vez maior dos seus processos mas, antes de mais, de que para manter o interesse do "espectador" (à falta de melhor termo), o simples efeito, por si só, não chega, torna-se cansativo, repetitivo. Há, pois, necessidade de introduzir um mínimo de intriga que tanto pode servir de comentário como de contraponto à melodia. Isto, no fim de contas, é voltar a cair no "vício" inicial do cinema segundo Ruiz: *"No começo do cinema houve toda uma série de especulações, que em seguida foram mais ou menos abandonadas porque o cinema se apoiou no teatro para criar uma simulação de continuidade. Perdeu-se o interesse pelas superstições e mitos criados pelo nascimento do cinema"*. É dizer: os efeitos, a fantasmagoria pura e simples de Méliès, antes dele se deixar "contaminar" pela ficção. Deste ponto de vista, para os "ruizófilos", **Régime Sans Pain** pode aparecer como um dos seus filmes mais subversivos, na medida em que tudo está colocado sob o signo do efeito e a "intriga", se assim podemos dizer, em que o Príncipe Jasão procura um fato acompanhado pelo Professor Pie (personagens interpretadas pelo duo Olivier Angèle e Gérard Maimone) é, quando muito, um pretexto para o "ordenamento" de todos os efeitos e artifícios do filme. Efeitos e artifícios de grande simplicidade que têm de novo a ver com os primitivos do cinema. Há um momento especialmente saboroso (!) numa das canções cantadas por Angel em que ao grande plano do cantor e ao pormenor dos lábios se segue o "inverso" (!), isto é, temos um plano "subjetivo" (?) do interior duma boca gigantesca cuja construção rudimentar evoca irresistivelmente o "gigante das neves" de Méliès. O resto é toda a panóplia e brique-a-braque do realizador, quer ao nível dos cenários com os objetos e figuras mais insólitas que cruzam (violam?) o espaço do plano, como na realização, com os seus ângulos arrevesados, as suas distorções e, antes de mais, a sua marcada paixão pela série B e o fantástico. Mais de um **Plan Nine From Outer Space** se encontra citado nesta autêntica "feira da ladra" da série B, construída com a cumplicidade de Acácio de Almeida. Os admiradores de Raúl Ruiz não terão razão de queixa de **Régime Sans Pain**.

Manuel Cintra Ferreira